



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS- PORTUGUÊS**

**DAIANA FERREIRA DE BRITO**

**CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

**DAIANA FERREIRA DE BRITO**

**CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras - Português.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientador:** Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862c Brito, Daiana Ferreira de.  
Conceição Evaristo e a literatura escrita por mulheres  
[manuscrito] / Daiana Ferreira de Brito. - 2022.  
20 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino ,  
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Literatura. 2. Literatura negra. 3. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 801.95

DAIANA FERREIRA DE BRITO

CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso LetrasPortuguês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras -Português.

**Área de concentração:** Literatura.

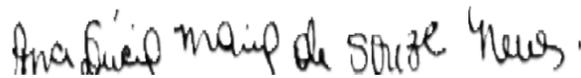
Aprovada em: 29/11/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (UEPB)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra.  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*DEDICO, a Deus meu tudo e minha força.  
À minha família, meu pilar e minha  
benção.*

*“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande e, sim, para acordá-los de seus sonhos injustos”*  
(Conceição Evaristo).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 A LITERATURA NEGRA ESCRITA POR MULHERES.....</b>	<b>7</b>
<b>3 A “ESCREVIVÊNCIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....</b>	<b>11</b>
<b>4 ANÁLISE DO CONTO ROSE DUSREIS.....</b>	<b>12</b>
<b>4.1 A narradora-ouvinte.....</b>	<b>12</b>
<b>4.2 Rose DusreiS.....</b>	<b>13</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>16</b>

## CONCEIÇÃO EVARISTO E A LITERATURA ESCRITA POR MULHERES

Daiana Ferreira de Brito<sup>1</sup>

### RESUMO

A literatura negra escrita por mulheres tem como importante papel desconstruir estereótipos impostos a mulher não branca ao longo da história, além de recontar sua história para as gerações vindouras, dando-lhe o protagonismo. Conceição Evaristo é uma das escritoras mais importantes deste cenário, com sua literatura marcada por resistência e escrevivência negra. Este artigo objetiva refletir sobre a literatura negra escrita por mulheres e seu papel em um cenário brasileiro ainda predominantemente marcado por escritores (as) brancos (as). Foi tomado como objeto de análise o conto “Rose Dusreis”, inserido no livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) da autora Conceição Evaristo, considerando a “escrevivência” negra presente no conto. Para tanto, foram levados em consideração os estudos de Cruz (2012) e Delcastagné (2012), Andrade (2018) e Ferreira e Magliozzi (2011) no que se refere à uma literatura negra escrita por mulheres e Viciniescki (2020) e Salgueiro (2020) no que se refere a “escrevivência” de Conceição Evaristo. Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa de caráter qualitativo, documental e exploratório. Como resultado da pesquisa, percebeu-se que a literatura negra escrita por mulheres é marcada pela subjetividade da mulher não branca e que a escrita de Conceição Evaristo neste cenário se constrói como um ato de resistência, recontando sua história e dando-lhe o lugar de protagonismo.

**Palavras-chave:** Literatura negra. Insubmissas lágrimas de mulheres. Conceição Evaristo. Escrevivência.

### ABSTRACT

The role of black literature written by women is to deconstruct stereotypes imposed on non-white women throughout history, as well as to recount their history for future generations, giving them the protagonism. Conceição Evaristo is one of the most important writers in this scenario, with her writing that is marked by resistance and black empowerment. In light of such arguments, this article aims at reflecting on black literature written by women and their role in a Brazilian scenario still characterized predominantly by male and female white writers. The short story *Rose Dusreis*, included in the book *Insubmissive Woman's Tears* (2011), by the author Conceição Evaristo, was taken as the object of analysis, considering the black "writingness" that is presented in the story. To do so, the studies by Cruz (2012) and Delcastagné (2012), and Andrade (2018) and Ferreira and Magliozzi (2011) regarding literature written by women, were taken into consideration, and Viciniescki (2020), and Salgueiro (2020) concerning Conceição Evaristo's "writingness". In order to accomplish this work, qualitative, documental, and exploratory research was carried out. As a result of the research, it was realized that black literature written by women is marked by the subjectivity of the non-white woman and that Conceição Evaristo's writing in this scenario is built as an act of resistance, by retelling her story and giving her the place of protagonist.

**Keywords:** Black literature. Insubmissive women's tears. Conceição Evaristo. Writingness.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba.

## 1 INTRODUÇÃO

*Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) da conceituada escritora brasileira Conceição Evaristo, inspirada em entrevistas que a autora realizou com mulheres negras, é uma obra composta por treze contos com protagonismo de mulheres negras, no qual os nomes dessas mulheres dão origem aos títulos dos contos, que se caracterizam como contos dentro de outro conto, pois o livro conta com uma narradora-ouvinte, que transita por todos os contos, entrevistando essas mulheres, nos apresentando não só o olhar dessa narradora sobre cada uma delas como também o olhar de cada uma das personagens protagonistas que nos narra sua própria história. Assim, a autora nos leva a conhecer as lutas, dores e desafios que marcam cada uma dessas mulheres. Portanto, com muito cuidado e sensibilidade poética Evaristo leva o leitor através das histórias dessas mulheres, com uma escrita marcada pela escrevivência - característica das obras Evaristianas. Percebe-se na obra a mescla das vozes da narradora-ouvinte, das protagonistas dos contos, a voz da própria autora e a do outro, o coletivo.

Nesses treze contos, a autora discute problemáticas bem pesadas e que marcam as vidas das personagens dos contos: racismo, misoginia, machismo, violências física, mental, psicológica e sexual. Ao tempo que evidencia a mulher para além do sujeito mulher, como o próprio título da obra demonstra, mulheres insubmissas que não sucumbem a condição de vítimas que a violência a submetem, elas se sobressaem.

Nesse sentido, este trabalho pretende investigar a importância da literatura negra, escrita por mulheres e sua importância para o cenário literário brasileiro dominado por escritores brancos, que por séculos buscaram apagar a mulher não branca, colocando-a em lugar de invisibilidade. Para isso, analisaremos o conto “Rose Dusreis” retirado do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

A opção por analisar apenas um dos contos que compõem o livro se dá pelas histórias conversarem entre si, com vozes que se mesclam. As dores das personagens por vezes se confundem e conversam entre si. Já a escolha do conto “Rose Dusreis”, em específico, se deu por este ser um conto que chama a atenção por trazer uma protagonista bailarina e negra marcada pelo racismo, a desigualdade social, as marcas do colonialismo e da escravidão. Sendo possível assim, observar tão claramente as marcas da escrevivência de Evaristo, marcada pela oralidade e ancestralidade negra, se construindo como uma narrativa de resistência.

O presente trabalho se estrutura em forma de artigo e se divide em cinco tópicos: primeiro tópico a introdução, o segundo tópico intitulado literatura negra escrita por mulheres, o terceiro a “escrevivência” de Conceição Evaristo, discorrendo sobre a autora e a escrevivência que marca suas obras e o quarto tópico apresenta a análise do conto escolhido: “Rose Dusreis”, e por último as considerações finais.

## 2 A LITERATURA NEGRA ESCRITA POR MULHERES

A literatura do século XXI, principalmente a literatura escrita por mulheres, coloca-as como protagonista de sua própria trajetória, de sua própria história, com voz e autonomia, diluindo as sombras das estruturas patriarcais que ainda assombram a sociedade e consequentemente a história da mulher, colocando-a nesse lugar de resistência e de superação.

Cruz (2021, p. 2), afirma que:

A literatura escrita por mulheres no século XXI tornou-se o espaço de fala de grupos subalternos que por longas eras foram representados segundo discursos

eurocêntricos e patriarcais, que ainda nas atuais décadas desse século, são latentes e publicamente defendidas.

Ao conquistar o direito à fala no espaço literário, a mulher passou a representar ela mesma na literatura, suas lutas, desafios e singularidades, dissolvendo assim preconceitos e estereótipos atribuídos a ela. Isso não quer dizer, no entanto, que um homem ao fazer literatura não consiga ser empático ao falar da mulher, mas o problema da representatividade vai além disso, tem a ver com o “lugar de fala”, ou seja, uma escrita articulada a uma experiência de vida.

Para Delcastagné (2012, p. 18),

O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou o respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que defende o acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala.

Assim, mesmo que um autor, sujeito masculino, em seu fazer literário seja solidário, empático e sensível às questões, problemas, desafios e peculiaridades que englobam o ser mulher em nossa sociedade, ainda assim este sujeito terá uma perspectiva diferente da de uma mulher que escreve e representa a si mesma. Já que esta claramente tem para si a vivência enquanto mulher, do que é ser mulher na sociedade a qual está inserida e, portanto possui uma maior propriedade ao falar de si mesma e do universo feminino com tudo que o engloba. O que ressalta ainda mais a importância da conquista feminina ao fazer literário, tomando esse espaço de fala dentro da literatura, já que por muito tempo teve sua voz delegada a esse “outro”, no caso o homem.

De acordo com Delcastagné (2018, p. 18),

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses sociais interagem e entrecrocamos, não podemos deixar de indagar quem é afinal, esse outro, que posição lhe é reservada e o que o seu silêncio esconde.

Portanto, é de suma importância, ao se falar em representação, pensar sobre quem é o sujeito detentor da fala, já que aquilo que o compõe enquanto sujeito social pode de alguma forma interferir em sua escrita.

Sobre isso a escritora brasileira Conceição Evaristo(2017) defende que dificilmente um autor ou autora em seu fazer literário não se deixa influenciar por sua subjetividade, todos trazem para sua escrita vivências e opções próprias. Sendo assim, dificilmente o sujeito que escreve vai manter uma escrita que não possua marcas de suas singularidades, sentimentos e opiniões sobre aquilo sobre o qual escreve. Por isso a importância de uma literatura escrita por mulheres, que coloque a mulher nesse lugar de protagonismo, daquela que escreve e que tem o poder da fala na literatura.

No entanto, ao se falar em uma literatura escrita por mulheres, não podemos deixar de falar da literatura negra, considerando-se que mulheres negras são marcadas por experiências e problemáticas diferentes das vivenciadas pela mulher não negra, pois enquanto esta última escreve uma literatura que a coloca em resistência e rompimento com questões muito mais ligadas as desigualdades de gênero e o patriarcalismo, a mulher negra escreve dessas questões que a englobam como mulher e também escreve sobre as marcas de suas ancestralidades e da escravidão que marca sua história.

Podemos assim, definir essa literatura afro- feminina como um fenômeno que abarca a manifestação da subjetividade do povo negro e de suas experiências de vida em um país que culturalmente foi e ainda é dominado pelo poder branco. Portanto, ela é uma literatura em que tanto o sujeito que escreve quanto o sujeito objeto dessa escrita é a própria mulher negra.

É ela que cria seus textos literários partindo de uma subjetividade própria, considerando suas experiências vividas, que devemos lembrar é diferente das vivências de uma mulher não negra, e isso se reflete em seu fazer literário. Portanto, quando se trata da literatura negra escrita por mulheres torna-se importante frisar sua grande relevância para o meio literário e para a história da mulher negra na sociedade brasileira, já que esta tem o importante papel de humanizar essas personagens e desconstruir estereótipos a elas impostos pela literatura canônica que, por vezes, as esquecem ou a colocam em lugar de inferioridade.

A literatura escrita por mãos negras têm a possibilidade de romper com a representação estereotipada da figura feminina negra, questionando o cânone literário construído e o papel dessa mulher na sociedade brasileira.( ANDRADE,2018,p,5).

Assim, essa literatura busca romper com aquilo que a literatura canônica brasileira impôs à mulher negra durante tanto tempo, já que por séculos essas representações se davam com poucas menções dessa mulher negra ao espaço da casa, das relações familiares e das relações afetivas. A mulher negra na literatura canônica foi sempre representada como doméstica ou corpo “objeto”.

E essa literatura escrita por mãos negras tem essa possibilidade de humanizar essas personagens, à medida em que ela traz em sua construção um posicionamento a partir de um olhar negro, de um sujeito feminino negro, suas interpretações de vida, suas alegrias, dores e desafios, que por vezes é desconsiderado em produções literárias brancas, o que muitas vezes contribui para a construção do perfil da mulher negra como corpo objeto hipersexualizado e desumanizado.

Essa foi a visão da mulher negra que foi repassada por séculos na literatura, principalmente as produzidas por homens brancos, o que só veio a ser mudada com a conquista dessa mulher ao fazer literário. Essa escrita negra torna-se assim, uma forma de resistência e mudança a tudo aquilo que aprisiona e que o outro tem a dizer sobre ela e sua história, ela passa a escrever de si mesma.

Ferreira e Magliozzi(2014, p. 12) defendem que,

Pensar em afro-feminina é pensar, em um ato de resistência. Acredita-se que teve seu início em 1958, com a publicação do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis. Digo, acredita-se porque não se pode negar que provavelmente, outras mulheres negras escreveram antes de Firmina, mas não temos notícia, visto que no século XIX, era praticamente impossível uma mulher poder escrever em um jornal ou publicar um livro.

Acredita-se portanto, que a escritora deu o pontapé inicial para que a mulher negra conquistasse o seu direito a voz no meio literário, no fazer literatura. Com uma história marcada pela escravidão e a humilhação, os desafios a ela impostos torna-se um pouco mais complexos do que os impostos a mulher branca.

Mesmo se considerarmos as conquistas dos movimentos negros e feministas e que a escrita de mulheres negras se configura como um ponto de união entre esses dois movimentos, já que estes abordam questões de raça e gênero, não foi tão simples assim, visto que o movimento negro mostrou-se machista e o movimento feminista racista.

Assim de acordo com os apontamentos de Costa (2019,p.6), as mulheres negras feministas tiveram que lutar com o poder masculino predominante dentro do movimento negro e contra a exclusividade dada a mulher branca dentro do movimento feminista tradicional.

Portanto, aquilo que podia ser um ponto positivo na luta da mulher negra, tornou-se um desafio a mais. Se a luta da mulher branca já é bastante difícil, considerando-se o machismo, a misoginia, o patriarcado que rege a sociedade e a história da mulher, a mulher negra precisa acrescentar ainda mais a luta ao racismo presente na nossa sociedade e na literatura.

Carregando as marcas cruéis da escravidão, por vezes, nem considerada humana, a mulher negra na literatura canônica foi representada com um perfil de mulher dócil e manipulável, objeto sexual, bicho domesticado, sem ser humanizada, por muito tempo.

Muitos autores da literatura canônica brasileira contribuíram para a construção desse perfil da mulher negra no imaginário popular,

José de Alencar, com suas morenas ardentes e escravas dóceis e manipuláveis, Aluísio de Azevedo, com suas Ritas Bahianas e Bertolezas, Jorge Amado, com suas Gabrielas, Terezas Batistas, Tietas do Agreste e também outras mulatas assanhadas, objetos sexuais de homens brancos, escravas boas, negras estereis. (FERREIRA; MAGLIOZZI, 2014, p. 2).

Os autores afirmam que “o objetivo da literatura Afro-feminina, portanto, é romper com todos esses estereótipos e propor novas histórias, novos olhares, por meio de novas vozes” (2014, p. 10).

Vozes negras, assim, nessa literatura o poder de fala é retirado da mão do opressor e colocado na mão do oprimido, dando-lhe o direito de se auto representar e representar a mulher negra e tudo a ela inerente. Esse ponto é respaldado por muitos autores que defendem que a literatura escrita por mulheres negras têm a responsabilidade de dar novos significados a esses valores distorcidos que a elas foram impostos pela literatura canônica, rompendo com esses estereótipos e trazendo um outro olhar para as gerações futuras.

A literatura escrita por mulheres negras coloca a mulher negra nesse perfil de resistência frente a tudo aquilo que a aprisiona, recontando as histórias de si mesma e de outras mulheres. É uma literatura, que assim como as outras, também traz em sua composição temas universais como amor, ódio, ciúmes e outros tantos temas que movem a literatura universal, só que construída a partir de uma perspectiva, experiência e percepção negra, com claro viés político, já que esta muda o lugar do negro na história da humanidade.

Portanto, a literatura negra escrita por mulheres representa a mulher negra em toda sua complexidade de lutas, fugindo do perfil de personagens da literatura canônica, quase sempre de mulher objeto e sexualizadas. Nas escritas de autoria negra, essa mulher é colocada em toda sua multiplicidade, seja no trabalho seja nos afetos.

A isso, Conceição Evaristo chama de “escrevivência” para se referir a textos produzidos a partir de experiências de vida do autor(a), sendo resultado de suas muitas relações sociais.

### **3 A “ESCREVIVÊNCIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Conceição Evaristo é uma das maiores personalidades da literatura contemporânea para além da literatura negra, consolidada no nosso meio literário com visibilidade no exterior, tendo obras que foram traduzidas para outros idiomas, como o inglês, o francês, o espanhol, o italiano e o árabe.

A autora nasceu em Belo Horizonte em 29 de Novembro de 1946, menina negra e pobre, cresceu rodeada de palavras, histórias contadas, aumentadas e inventadas por parte de pessoas da família, o que a ajudou a desenvolver seu encanto pela literatura.

Como mulher, negra e pobre, em uma sociedade marcada pelo machismo, o racismo, a misoginia e a desigualdade social, Evaristo teve que enfrentar muitos desafios ao longo de sua história. Em entrevista concedida ao site da Revista *Trip* em 2021, a autora fala sobre a importância da escrita ao enfrentar o racismo na adolescência e na vida adulta e como escrever tornou a situação mais suportável.

Sua vida profissional atesta sua resistência aliada ao trabalho da escrita, pois Evaristo foi professora da rede pública de ensino da capital Fluminense, Mestre em Literatura pela PUC do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura comparada pela universidade Federal Fluminense, firmando-se como importante pesquisadora e escritora brasileira contemporânea.

Publicou diversas obras, tais como *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos de Memórias* (2006), *Poemas de recordação e os outros movimentos* (2008), *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011), *Olhos D'água* (2014), *Histórias de leves enganos e pareanças* (2016), e *Canção para ninar menino grande* (2018).

Ao se consolidar nesse espaço predominantemente masculino e branco, Evaristo quebra com muitos imaginários sociais brasileiros acostumados a ver a mulher negra apenas ligada a escolas de sambas ou por vezes à cozinha, mostrando que esta também pode ocupar outros lugares para além desses de subalternidade ao qual insistem em colocá-las e aprisioná-las em todas as áreas da sociedade, inclusive na literatura.

Em seus escritos literários, Evaristo representa as vozes das mulheres, principalmente as mulheres negras, enquanto se permite reescrever a própria história, fazendo uma "escrevivência", uma escrita de si mesma, do que é ser mulher e negra em nossa sociedade. Em que o racismo, o machismo, a misoginia e as desigualdades sociais estão ainda tão fortemente arraigados ao imaginário social.

Segundo Viciniescki (2020, p. 1),

Conceição Evaristo ao representar a mulher negra no ambiente literário e acadêmico traz visibilidade e acelera os resultados do processo de emancipação da mulher negra, além de ser fundamental para representar as mulheres de forma geral na academia.

Assim, a autora, em seu fazer literário, dá voz a essas mulheres, trazendo-lhes visibilidade e ajudando-as em seu processo de emancipação, estas que foram por muito tempo silenciadas e excluídas, principalmente as mulheres negras. Em sua escrita Evaristo busca colocar esta mulher como modelo de resistência e superação em questões de classe, gênero e raça. Fazendo esta escrevivência.

A “escrevivência” se configura portanto, como aquilo que a marca como mulher e negra, já que a autora defende que é impossível ao autor em seu fazer literário se manter distante da sua subjetividade e das suas experiências vividas. O que pode ser observado nos treze contos que compõem a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, na segundo conto intitulado Natalina Soledad, por exemplo, Evaristo escreve sobre a misoginia e o machismo, ao qual a personagem é submetida desde seu nascimento, quando é rejeitada pelo pai, que em pura aversão a ela, não aceita o nascimento de uma filha mulher, “um troço fêmea” que manche sua orgulhosa linhagem de homens “machos” levando a personagem a conviver com a opressão, a rejeição e a humilhação que lhe são impostas por esse poder patriarcal por sua condição de mulher até a vida adulta, quando aos trinta anos após a morte dos pais concretiza seu sonho de liberdade e auto afirmação enquanto ser humano, livrando-se do no nome que a “coisifica” desde seu nascimento “Trocélia Malvina Silveira” e se autonegando.

O que se percebe é que enquanto escreve da personagem, de suas dores e lutas frente ao machismo e misoginia que lhe rouba o direito de ser, de pertencer Evaristo escreve também de si e do outro, a mulher, discutindo pontos marcantes do que é ser mulher na sociedade brasileira.

Já no quinto conto, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, enquanto escreve da menina negra que é roubada de seus pais aos sete anos de idade, arrancada de seu lar e origem por um casal branco com “sotaque estrangeiro” para fins de trabalho infantil, a escravizando e negando-lhe inclusive o direito ao próprio nome, Evaristo faz uso da ancestralidade e da atemporalidade para falar da herança do colonialismo na vida do povo negro e do racismo na sociedade brasileira. Na narrativa, a autora mistura a voz da personagem, da narradora, de si próprio enquanto mulher negra, e do coletivo negro marcados pela escravidão, humilhação, exclusão e apagamento ao longo da história. Por vezes, Evaristo mistura a voz da protagonista roubada dos seus com a voz dos seus antepassados que sofreram com escravidão no Brasil.

Essa escrevivência também pode ser observada em Isaltina Campos Belo, em que a personagem ao passar por conflitos com sua sexualidade, sentindo-se menino desde criança, e quando mais velha na busca por si mesma começa a namorar um homem que ao não aceitar o fato dela não se inserir no perfil de “negra fogosa” perante ele, em uma festa junto a outros homens a estupram. Na personagem Conceição faz essa escrevivência da mulher negra em nossa sociedade que sempre foi estereotipada ao longo dos séculos, ao passo que discute a objetificação do corpo da mulher negra e a violência sexual, a qual ela é e sempre foi submetida ao longo da história na sociedade brasileira.

Com uma escrita comprometida com a realidade do povo negro, da mulher negra, em especial no Brasil, a escritora traz em suas obras a escrevivência do povo negro e de si, com narrativas que possuem esse quê de denúncia perante os temas discutidos.

Literariamente, essa escrevivência se manifesta nos traços de oralidade, ancestralidade, atemporalidade e vivências da mulher negra. Para Salgueiro (2020, p.97) a escrevivência presente nas obras de Evaristo destaca “a atualidade das sombras e dos ecos da escravidão que seguem pairando sobre o país em tempos rapidamente mutantes.” Assim a autora, nos faz ouvir sua voz de mulher negra nessa sociedade, a qual está inserida juntamente as vozes de outras mulheres, ao passo em que conduz mais delas a contarem suas histórias.

#### **4 ANÁLISE DO CONTO ROSE DUSREIS**

O conto “Rose Dusreis”, presente no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, é um conto que se estrutura como uma narrativa dentro de outra narrativa, com uma que se dá a partir do olhar de uma narradora-ouvinte que entrevista a personagem principal e uma outra a partir do olhar da protagonista Rose Dusreis, nome que dá origem ao título do conto aqui selecionado para análise.

##### **4.1 A narradora-ouvinte**

Inicialmente, o conto se dá a partir da visão da narradora-ouvinte, que fica observando a personagem principalmente atestando a aparente fragilidade da bailarina que chama sua atenção, despertando em si curiosidade e vontade de conhecer sua história, pois apesar de sua aparente fragilidade, reconhece também sua força. "Preciso conhecer a história dessa mulher, antes que eu invente alguma". (EVARISTO, 2016, p. 105).

Com uma voz carregada de marcas de oralidade, que é uma das características da literatura negra, a voz da narradora traz em sua composição a subjetividade da autora Conceição Evaristo que, segundo a própria autora, cresceu ouvindo histórias orais contadas por familiares, por vezes, aumentadas ou inventadas. Essas vozes personagem/autora que se confundem dentro da própria narrativa se configura, portanto, como uma das marcas da escrevivência característica das obras evaristianas, no conto, na construção dessa personagem. Enquanto escreve dela, escreve de si e do outro coletivo, do povo negro. Estando a narradora presente em todos os contos que compõem a obra da qual o conto em análises foi escolhido,

como entrevistadora, em Rose Dusreis, portanto, ela traz em si vozes de outras personagens da obra que se misturam com a voz de Dusreis e a sua própria, vozes de mulheres negras que lhe proporcionam novos olhares, novas descobertas e redescobertas, novos conhecimentos.

Sim, eu conseguia fechar os olhos para me sentir inteira e então poder sentir a outra pessoa que estivesse comigo. Mirtes Aparecida da Luz havia cerrado meus olhos no momento em que contava sua história. E com aquele gesto da Luz havia proporcionado a redescoberta que os olhos sozinhos não veem tudo. (EVARISTO, 2016, p. 107).

Essa mistura de vozes, na narradora, se dá no momento em que a protagonista Rose Dusreis tenta ensinar-lhe passos de dança, e esta fecha os olhos, sentindo outras pessoas consigo. Outra mulher negra entrevistada por ela e de quem ouviu sua história, que se mistura com a sua própria voz e a da autora, lhe proporcionando a construção de uma sensibilidade e conhecimento para ouvir e entender a pequena bailarina Rose Dusreis, já que a história dela se confunde em tantos pontos com as outras histórias ouvidas pela narradora. Histórias de mulheres negras, que foram marcadas pelo racismo, machismo, desigualdade social e todo tipo de violência física, sexual e psicológica.

Em cena, antes que a protagonista do conto comece a narrar sua história, sentadas no chão em frente ao espelho da academia de dança da bailarina, as duas personagens, narradora e protagonista ficam a observar seus próprios reflexos, encarando a si mesmas e tudo aquilo que as compõem, permitindo-lhe um olhar para si mesmo e o outro.

"...As nossas imagens, refletidas no espelho que nos circundam pareciam nos contemplar". (EVARISTO, 2016, p. 108)

Percebe-se que Evaristo coloca nessa narradora-personagem, sem nome carregada de uma subjetividade própria da autora, uma sensibilidade, cuidado e curiosidade para entrevistar Rose Dusreis e todas as outras protagonistas dos outros 12 contos que compõem a obra.

## 4.2 Rose Dusreis

A protagonista do conto, que dá origem ao título do mesmo, nos é apresentada, em um primeiro momento, pela narradora-ouvinte e num segundo momento pela própria personagem protagonista, Rose Dusreis, a bailarina negra dona de sua própria academia de dança, que é professora de balé clássico, de dança moderna, de balé afro, de jazz, de sapateado e de dança de salão, com carreira nacional e internacional, mas que devido a sua condição de mulher negra teve que enfrentar diversos problemas e desafios para chegar a esse lugar de destaque, história que se confunde com a história de muitas mulheres negras no país.

Ainda menina, sendo uma criança negra e pobre, enfrenta o primeiro episódio de preconceito social e racial, quando no colégio no qual estuda, se encanta pelo balé e ao tenta entrar para o corpo de balé, comandado pela professora de música do colégio, que mostra-se bastante rígida nesse cargo mas muda totalmente quando se trata de sua turma particular de balé composta por meninas brancas e ricas, é rejeitada. Dusreis oferece como pagamento, por não ter recursos, os serviços de lavanderia de sua mãe, mas a professora alega que ela não tem o tipo físico para dançar balé. Ainda tão criança a personagem munida de inocência não consegue perceber o episódio de racismo sofrido, principalmente se levarmos em consideração que é feito de forma "gentil":

Ternamente, Atilia Bessa passou a mão em minha cabeça e me disse que o meu tipo físico não era propício para o balé. Eu tinha 8 anos somente. Só com o passar do tempo, pude entender o que foi dito naquela época (EVARISTO, 2016, p. 109).

O racismo impresso na fala da personagem tenta barrar os sonhos da menina de ser bailarina, que no imaginário social e branco não é lugar da menina preta. Vale ressaltar que isto é algo recorrente, que marcou e ainda marca a história do negro no Brasil. Este, que luta constantemente para ocupar lugares considerados de brancos, por vez, questionados do lugar ao qual pertence enquanto indivíduo negro.

A personagem ainda na infância é convidada por outra professora do colégio no qual estuda para representar uma bonequinha negra em uma peça teatral, avivando assim a esperança da menina de conseguir mostrar seu talento como dançarina e então alcançar sua tão sonhada chance de entrar na turma de balé da professora Atilia Bessa, que inclusive chega a elogiá-la ao assistir um de seus ensaios, alegando seu talento para a dança, no entanto, mais uma vez o racismo barra os sonhos da menina quando ela é substituída por uma menina branca pintada de preto sem que a ela seja dado nem um tipo de explicação

Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei também alguma explicação da troca por outra menina, aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pitada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha preta que eu era."(EVARISTO, 2016, p. 110).

O racismo presente em nossa sociedade busca sempre silenciar, reprimir e apagar a mulher não branca e o povo negro.

Na personagem Rose Dusreis Evaristo faz justamente essa escrivência do racismo ao qual o povo negro é submetido diariamente. Racismo esse, que por muitas vezes lhe impede de ocupar lugares por ele desejado ou de destaque. No mercado de trabalho brasileiro, por exemplo, existe muitos casos de pessoas negras muito mais aptas a ocupar cargos em determinadas empresas mas que perdem vagas para pessoas não pretas, por causa da sua cor, mesmo possuindo uma maior aptidão para o cargo. E quando conseguem, precisa enfrentar maiores desafios do que os impostos as pessoas brancas, pois nesse imaginário social, ali não é "lugar de negro". Se observarmos portanto, a dramaturgia, o cinema e a literatura também, é possível perceber, o quão pouco destaque a mulher negra tem, pouquíssimos papéis são representadas por elas, raramente lhe é dado um papel de protagonista ou de muito destaque, estas ficam ocupando lugares considerados socialmente pertencentes a ela, ou seja de subalternidade, isso quando não "embranchem" as personagens que são originalmente negras, como ocorre algumas vezes no cinema.

Além do racismo, a personagem Rose Dusreis também em sua composição na narrativa traz marca do colonialismo e da escravidão que marcou e marca a história negra no Brasil. Quando seu pai morre, a família de Dusreis fica a cargo de sua mãe que com o salário de lavadeira não consegue prover o sustento da família com cinco filhas, então uma vizinha sugere a separação das filhas para o trabalho, começando pela mais velha, levando-a para trabalhar de babá na casa de senhores ricos. Separação essa que causa uma profunda dor na protagonista, obrigada a se afastar de sua irmã.

Nesse ponto da narrativa, a voz de Rose Dusreis está impregnada da voz do povo negro marcado pela herança do colonialismo, a escravidão, a separação dos seus

"Toda a dor em mim naquele momento. A morte do meu pai, a partida forçada de minha irmã, a minha ida já programada para o colégio, a falta que minha irmã me fazia". (EVARISTO, 2016, p. 111).

Enquanto escreve da dor da personagem, Evaristo traz para sua escrita esse coletivo, a dor da separação, da perda, a saudade dos seus, dores essas que foram marcas deixadas pela escravidão no Brasil. A narrativa de Dusreis fala que si ao mesmo tempo que fala do "outro",

esse coletivo negro. E essa marca de colonialismo é muito evidente no conto, na história da personagem. Quando Dusreis fala de sua história familiar, por exemplo, ela por vezes se confunde com a história da mulher negra no Brasil que tiveram seus corpos objetificados e escravizados por senhores brancos. "No familiar inaugurado no tempo em que os homens da casa grande eram os donos dos corpos das mulheres, dos homens e das crianças da senzala." (EVARISTO, 2016, p. 112).

Em sua fala, a personagem resgata essa herança ancestral de seu povo ao falar da ida de sua mãe para trabalhar na casa de um dos parentes distantes de seu pai, assim sua fala conversa também com a história de outras mulheres negras que tiveram seus corpos escravizados, objetificados e sexualizados por senhores brancos, "senhores da casa-grande". "Meu bisavô paterno era filho do coronel fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro da casa, a mãe preta dos filhos dele". (EVARISTO, 2016, p. 112)

A história familiar da personagem não difere da história da mulher negra no Brasil colonial, marcada por violência física, psicológicas e sexuais, em que seu corpo foi tratado como objeto por homens brancos e ricos que os usavam sem nenhuma humanidade e quando geravam filhos os renegavam, o que se evidencia na fala da personagem sobre sua origem. "Foi essa a origem do meu sobrenome, que ao ser dito como Dusreis, nos originalizou e nos apartou daqueles, os Reis de Menezes, que não nos reconheciam nem como parentes distantes" (EVARISTO, 2016, p. 112).

Na construção dessa personagem a autora também discute a exploração do trabalho, quando a personagem é levada para o colégio interno religioso e a ela é relegado tarefas domésticas a serem realizadas juntamente com outras crianças pobres

"E fui, apesar de... apesar de trabalhar intensamente. Acordava cedo, junto com outras tão pobres quanto eu, para ajudarmos no preparo do café das meninas mais ricas. Aprendi todos os afazeres da casa, cozinhar, lavar, passar, arrumar". (EVARISTO, 2016, p. 112-113).

A exploração do trabalho, o preconceito social e o racismo que acompanha Rose Dusreis nessa narrativa se estende também para outras meninas como ela e as irmãs pobres e não brancas do colégio religioso. Essa desigualdade social e exploração do trabalho negro e pobre é um retrato da história negra na sociedade, mesmo a atual.

Já quase no final de sua narrativa, Rose Dusreis nos deixa saber que seus sonhos foram alcançados, ela torna-se bailarina, uma bailarina famosa, mas fica claro em sua fala que ela é a exceção e não a regra como bailarina negra neste cenário. "Na maioria das vezes, eu era uma das poucas, senão a única bailarina negra do grupo". (EVARISTO, 2016, p. 113).

Evidenciando, assim, a exclusão da mulher negra de espaços considerados de branco. Portanto, a história de Rose Dusreis é uma narrativa de superação e resistência, marcada pelo preconceito social, o racismo, herança do colonialismo que por sua vez se confunde com a história das outras protagonistas dos outros 12 contos da obra insubmissas lágrimas de mulheres e de muitas mulheres negras.

Percebe-se portanto, na construção da personagem as marcas da escrivência característica da literatura escrita por Conceição Evaristo, a autora impregna na personagem marcas do racismo e desigualdade social que marca a história negra e sua história enquanto menina negra e pobre que foi, como também faz uso de uma ancestralidade negra, para falar de colonialismo e a escravidão que marca a história da mulher negra e do povo negro no Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa resultou em análises e reflexões acerca de uma literatura negra escrita por mulheres e sua importância em um cenário literário marcado por escritores(a) brancos que por séculos tentaram apagá-las e silenciá-las, negando-lhes voz e protagonismo dentro da literatura brasileira. Por vezes estereotipando-as e sem a devida preocupação com as especificidades que compõem a mulher negra e sua história

Através de uma literatura escrita por mãos negras, essa mulher não branca passou a se desligar e diluir estereótipos a si designados na literatura canônica e passou a ser representada de forma a abarcar todas as suas subjetividades. Assim, essa escrita feita por mãos negras se configura como numa literatura, que antes de tudo se constrói como um ato de resistência para a mulher não branca, marcada por uma escrevivência de tudo aquilo que marca a história do povo negro e sua autora, enquanto mulher negra.

Nesse contexto, Conceição Evaristo, uma escritora mulher e negra, por meio de sua literatura marcada pela escrevivência negra proporciona ao povo negro, principalmente a mulher negra protagonismo e visibilidade com voz e autonomia. A escrita evaristiana, portanto, mexe com o cenário literário e o imaginário social brasileiro firmando-se, como uma literatura de autoria feminina e negra, dando voz e lugar a essa mulher negra e trazendo uma forte discussão em torno daquilo que compõe sua história na sociedade. Contribuindo assim, para que estereótipos criados em torno dessa mulher sejam diluídos ao passo em que reconta sua história para as gerações vindouras.

Em “Rose Dusreis”, o conto se constrói como uma narrativa marcada pela realidade da mulher negra em nosso país. Fazendo uso da escrevivência, Evaristo nos apresenta uma personagem que traz em si e em sua história marcas do racismo, das desigualdades sociais, do colonialismo e da exploração do trabalho negro e pobre.

Portanto, diante da leitura do conto o que se percebe é que “Rose Dusreis” é um retrato da história da mulher negra na sociedade. A narrativa construída por Evaristo é a descrição daquilo que marca essa mulher e suas vivências. O racismo sofrido pela personagem quando tenta entrar no corpo de balé da escola onde estuda; as marcas do colonialismo presentes em sua história familiar marcada pela dor da perda, da separação e a objetificação do corpo negro e na exploração do trabalho do trabalho infantil.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Toledo. Ancestralidade, memória e autorepresentação da mulher negra na literatura afro-brasileira contemporânea em “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo. **Revista Entrelaces**, Fortaleza (CE), v. 1, n. 14, p. 159-174, out./dez. 2018.

COSTA, Sandra Santana. TRAJETÓRIA DO FEMINISMO NEGRO NO BRASIL : MOVIMENTOS E AÇÕES POLÍTICAS. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602116817\\_ARQUIVO\\_df4175bcc27d056ca1e5bb1b397a560a.pdf&ved=2ahUKEwistrwzuX7AhVTA7kGHS2mChIQFnoECAkQAO&usg=AOvVaw1UI8jF9J526C2UZevBRpq4](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602116817_ARQUIVO_df4175bcc27d056ca1e5bb1b397a560a.pdf&ved=2ahUKEwistrwzuX7AhVTA7kGHS2mChIQFnoECAkQAO&usg=AOvVaw1UI8jF9J526C2UZevBRpq4). Acesso em 01 de Dezembro de 2022.

CRUZ, Aline Souza. A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM O CANTO DA CARPIDEIRA, DE LUCELITA MARIA ALVES. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 60, p. 116-126, 2021.

DELCASTAGNÉ, Regina. **A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo.** 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memórias.** 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 21017. p200.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande.** São Paulo: Unipalmars, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de Leves Enganos e Parecenças.** 2º ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. p. 106.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres.** 2.ed 1reimpressão. Rio de Janeiro: Mala, 2016. p142.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água.** 1ºed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. p. 116.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos.** 6ºed. Rio de Janeiro: Malê, 2021. p. 122.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** 3ºed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 120.

FERREIRA, MAGLIOZZI, **Literatura Afro-feminina Brasileira do Século XXI: corpo, voz, poesia e resistência.** 2014. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=1684>  
Acesso em: 08 de Agosto de 2022.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. **Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira . Escrevivência : a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 97-113

VICINIESCKI, Bruna. **Conceição Evaristo e suas contribuições como escritora e pesquisadora.** 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72057>  
Acesso em 22 de Agosto de 2022.

## AGRADECIMENTOS

Toda jornada até alcançarmos aquilo que almejamos requer força, fé e perseverança e a certeza de que ninguém chega a esses objetivos sozinhos. E agora, quando enfim chego a alcançar aquilo pelo qual tanto almejei e lutei, tenho muito o que agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e esperança sempre e por me conceder a dádiva de realizar mais esse sonho.

Agradeço aos meus pais, Francisco Ferreira de Souza e Francisca Maria de Brito por terem sido meus pilares, por todo o amor e carinho a me dedicado e por me apoiarem sempre em minhas escolhas ao longo do caminho. Agradeço a toda minha família por todo o suporte, amor e carinho durante essa caminhada.

Agradeço a minha melhor amiga Geilza Roque Barbosa por me ouvir e me incentivar a continuar nos momentos mais difíceis, especialmente naqueles em que cheguei a cogitar a possibilidade de desistir.

Agradeço as duas pessoas mais incríveis que esses anos de curso me deu a honra de conhecer, Clarisse da Silva Ribeiro dos Santos e Conceição Maria Galvão Calafange que para além de colegas de curso se tornaram amigas que estiveram comigo no dia a dia acadêmico e para além dele, obrigada meninas por dividir comigo esses anos de curso, por me ouvirem e me darem forças em assuntos pessoais e acadêmicos, obrigada por irem de amigas de curso para amigas de vida.

Agradeço a todos os colegas de curso que dividiram comigo esses anos de aprendizados, em que foi possível dividir ensinamentos e experiências.

Agradeço de um modo muito especial aos docentes que passaram pela minha vida por todo o aprendizado, serei eternamente grata.

Agradeço ao meu orientador Luciano Barbosa Justino por aceitar me orientar no processo de produção deste trabalho e por toda a paciência e ensinamentos. Muito obrigado!